

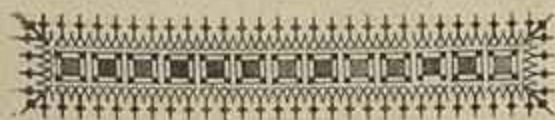
# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	25.º Anno — XXV Volume — N.º 835	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE MARÇO DE 1902	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



ALMIRANTE BAPTISTA DE ANDRADE — FALLECIDO EM 26 DE FEVEREIRO DE 1902



## CHRONICA OCCIDENTAL

Uma noticia triste para começarmos. No grande hotel do Estoril falleceu na quinta feira de madrugada o conselheiro Frederico Arouca, ha tempos bastante doente, mas ultimamente com melhoras que tantas esperanças davam aos

seus amigos, que para todos foi surpresa a triste nova.

O sr. Presidente da Camara dos Pares, apenas recebeu o telegramma em que o sr. Simão Arouca lhe participava o fallecimento de seu pae, com o mais profundo sentimento o participou á Camara, fazendo em seguida o elogio de seu companheiro nas luctas politicas os srs. Presidente do conselho e Moraes Carvalho.

No sabbado prestou-lhe igual homenagem a Camara dos deputados, a quem o sr. Presidente participou o acontecimento doloroso, propondo um voto de sentimento, a que se associaram com

palavras eloquentes os srs. Ministro da justiça, João Arroyo e Antonio Centeno.

O corpo, com grande acompanhamento foi transportado para a estação, d'onde seguiu para o Caes do Sodré e d'ahi para o cemiterio dos Prazeres. Orou á beira da cova o sr. conselheiro Vargas, que poz em relevo as altas qualidades de Frederico Arouca como amigo leal e dedicado, parlamentar distincto, prestante funcionario em todos os altos cargos que exerceu.

A morte de Frederico Arouca causou profunda impressão no paiz inteiro e sobretudo em todo esse Ribatejo que elle tanto amava e onde ultimamente se dedicára á lavoura.

Alegre, fino, conversador, muito elegante, conservava na maneira de vestir, de falar, de andar, o que quer que fosse que vai tendendo a desaparecer e lhe dava uma nota original na sociedade em que vivia.

Frederico Arouca, que, como disse-mos, amava muito o Ribatejo, fôra em seus tempos de rapaz o que então se chamava um *marialva*, entre elles procurando os seus amigos, gostando muito de toiradas e levando ás vezes o seu amor por ellas até descer á praça e bater com valentia as palmas em frente d'um toiro.

Necessidades da vida, logo que terminou seu curso em Coimbra, afastaram o da sociedade, em que a vida lhe corria alegre, para assumptos mais serios. Começou a trabalhar como advogado no escriptorio do Visconde de Moreira de Rey e entrou depois na carreira da magistratura.

A politica tentava-o, e elle cedo criou nome no campo em que mais havia de brilhar.

Sem que fosse orador distincto, sem que, como ministro, deixasse seu nome ligado a obras muito notaveis, sempre o seu bom senso fulgurou em todas as questões e depressa o chamaram aos mais altos cargos.

Veu pela primeira vez á camara, deputado regenerador, em 1879, eleito pelo circulo de Cadaval; pelo mesmo circulo em 1884 e ainda mais uma vez em 1887 pelo circulo de Portalegre.

Cahido o ministerio progressista, depois do ultimatum de 1890, foi chamado, em condições difficeis, por Antonio de Serpa, para tomar conta da pasta das Obras Publicas. Volta a ministro em 1893 com a pasta dos Estrangeiros. Nesse mesmo anno é nomeado par do reino e em 1900 conselheiro de estado. Em 1896

substituiu Luiz de Soveral na legação portugueza em Londres.

Ultimamente, um pouco afastado da politica, dedicou-se quasi completamente á agricultura, administrando com actividade a sua casa de Alcoentre, onde gostava de passar uns dias de ferias em que descansava de seus muitos trabalhos, como ajudante do procurador geral da corôa e advogado syndico da camara municipal.

Morreu novo, quasi na força da vida, com pouco mais de cincoenta annos.

Sua intelligencia clara, seu genio alegre, seu character, tinham-lhe criado grande numero de ami-

gos, até fóra de seu partido, a que realmente prestou os mais relevantes serviços.

E' doloroso dever este de consignarmos aqui todas estas novas tristezas de que aliás se compõe, podemos assim dizel-o, a historia de cada dia.

Quanto mais agradável não era só fazer reza de factos risonhos e commental-os com alegria!

Mas tem de ser, tem de ser.

Tambem de Hespanha nos chega a má noticia da morte d'um grande artista, que Lisboa acclamou a primeira vez que ahi nos veiu de visita e de quem não fez caso, quando, passados annos, voltou, velho e decrepito, a representar seu grande repertorio no theatro do Principe Real.

Em viagem de Santiago de Cuba para Neuviitas falleceu a bordo do paquete que o transportava o grande actor hespanhol, Antonio Vico.

Seu corpo embalsamado será trasladado para Madrid, pôr cuidado e a expensas de Diaz de Mendoza.

Lembra-me d'elle quando ahi estive, dias depois da primeira visita que nos fez a Duse, que exgotára todas as algebeiras. Ajudou-o Novelli n'um beneficio, mas nem assim conseguiu ter uma casa boa. Não sabia como pagar á companhia, tinha uma familia enorme que não sabia como sustentar.

Tinha sido um grande actor, dos maiores de Hespanha, o que não é dizer pouco, fóra applaudido com delirio, acclamado como um genio, e via-se na maior miseria!

Foi ainda a miseria que o levou agora ás Antilhas, onde, em vez da fortuna, encontrou a morte. Desgraçado Vico!

Melhor sorte proteja os artistas portuguezes, que, em grande numero, tambem este anno partem para a America em busca de fortuna.

Vae entre elles, como estrella, Angela Pinto, e não deve de ser pequena a curiosidade dos brazileiros em conhecer uma actriz de tamanho talento, a quem tantas aneddotas andam ligadas transformando-a em heroina. Lá vae com o repertorio mais variado, dramas, farças, comédias, talvez até alguma tragedia e de mistura alguma opera comica, espalhar pelas platéas do Rio de Janeiro a alegria de que dispõe de sobra, o sentimento que de sobra n'ella vive.

Viagens! Viagens! E' o que ha de novo em nossos theatros afóra tres novidades: os *Malhados* em D. Amelia, o *Hero e Leandro* em S. Carlos, a revista no Principe Real.

Tudo applaudido.

O tempo já vae mudando. Já tivemos dias bonitos e até um bocadinho de calor. Não admira portanto que se vá falando um pouco menos de theatro, um pouco mais de toiradas.

Já está annunciada a primeira, por enquanto envolta em grandes mysterios, como vae sendo uso em todos os annunciados de espectaculos. Assim é que se vae fazendo cocegas á curiosidade, obrigando os amadores a falarem.

A primavera vae-nos batendo á porta. Já ha dias parece que uma aguada muito leve de tinta verde tingia as arvores. A's tardes os pardaes já cantam com maior gosto nas arvores da Avenida.

E foi no meio de todo este renascer que inflama as fantasias dos poetas que uma das mais prociacais discussões se levantou no Banco de Portugal entre os campos oppostos da direcção e do sr. Conde de Burnay.

Trata-se de contos e contos, de novecentos contos de acções, de perder ou de ganhar uns noventa contos. Não se trata, como está visto, de aquella prosa em que foi celebre mr. Jourdain, trata-se d'uma sopa muito rica como dizia uma vez Sua Ex.<sup>a</sup> na *Tarde*, trata-se de macarrão, que é massa grossa.

Seis mil acções! Novecentos contos! Noventa contos para cá... Emendemos... para ali ou para acolá!

Põe-se muita gente a coçar o queixo, quando ouve falar de contos em algarismos taes como elles não teem tosões.

Ainda ha dias, foi outra vez preso o Bicha, porque não tinha tres corôas com que podesse safarse. E fez pena a muita gente a prisão. O patife tinha-se tornado sympathico pela esperteza; faltou-lhe a mola real, tudo parou n'aquelle cerebro.

Pois deu que falar. O homem, se soubesse escrever, com a imaginação que tem, que grande collacção de folhetins publicaria, que bello drama de peripecias!

Não lhe farão centenário por certo e, por emquanto, contentemo-nos com o que está planejado para celebrar o maior poeta comico de Portugal, um dos maiores do mundo, o auctor de tantos autos maravilhosos, o genial Gil Vicente.

A festa deve ser solemne e n'ella devem tomar parte, coadjuvando-a, quantos em Portugal, por muito pouco que seja, se interessam pela arte.

Seria vergonha que a proposta de Malheiro Dias na camara dos deputados soffresse qualquer opposição menos patriótica. Ha trezentos annos que está por pagar esta divida a Gil Vicente.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### ALMIRANTE BAPTISTA DE ANDRADE

Pelas cinco horas da madrugada de 26 de fevereiro ultimo, falleceu n'esta cidade, victimado por um scirrho no estomago, que de ha muito o torturava, o almirante José Baptista de Andrade, uma das figuras mais sympathicas da marinha de guerra portugueza.

Tendo nascido em 27 de março de 1819 o venerando marinheiro contava quasi 83 annos de idade. A sua biographia, revelando as alevantadas qualidades de caracter que o exornavam, impunha-o á veneração de toda a armada nacional e á estima da sociedade portugueza.

A noticia do fallecimento do almirante Baptista de Andrade causou, pois, funda e dolorosa impressão.

Da respectiva folha de serviços consta que se alistou na armada aos 14 annos, em setembro de 1833, e no anno seguinte, não tendo completo ainda o curso, embarcou para a India. O baptismo de mar que recebeu foi digno da sua vida de marinheiro, fazendo então uma das mais desastrosas travessias do Cabo da Boa Esperança, onde o navio perdeu o leme e andou alguns dias sem governo.

Em 1840 foi promovido a guarda marinha depois de ter concluido brilhantemente os cursos de marinha na Escola Polytechnica e na Academia de Marinha. Em 1844 era segundo tenente e um anno depois primeiro tenente, posto a que fóra promovido por distincção, pelo valor e intelligencia com que se houvera em Africa. Em 19 de abril de 1858 foi promovido a capitão tenente, a capitão de fragata em 21 de setembro de 1860, a capitão de mar e guerra, sem prejuizo de antiguidade, em 11 de agosto de 1862, a contra almirante, por distincção, em 10 de fevereiro de 1873, a vice-almirante em 26 de julho de 1880, e a almirante em janeiro de 1895, como por essa occasião se consignou no OCCIDENTE.

A promoção a capitão tenente, por distincção, obteve-a Baptista d'Andrade no campo de batalha em 8 de dezembro de 1857, por ter sido n'esse dia que se travou o mais importante combate dos que occorreram em Angola para castigar a revolta de varios regulos indigenas. A promoção a capitão de fragata teve-a pela defeza de Bembe.

N'estas promoções se synthetisam grande numero de actos valorosos e heroicos que esmalta-ram a vida do extinto.

O almirante Baptista de Andrade foi inspector da Escola Naval, commandante geral da armada, vice-presidente do conselho do almirantado, membro do tribunal superior de guerra e marinha, vogal da Junta Consultiva do Ultramar, vice-presidente do Instituto official de protecção ás familias dos funcionarios militares e civis, fallecidos no Ultramar. Era conselheiro de Estado effectivo, par do reino vitalicio, por decreto de 8 de janeiro de 1880, tendo tomado posse em 23 do mesmo mez e anno; foi deputado da nação, ajudante de campo de el-rei D. Luiz e primeiro ajudante de campo e chefe da casa militar de sua magestade el-rei sr. D. Carlos.

Entre outras condecorações possuia o fallecido almirante a gran-cruz, o officialato e commenda da Torre Espada, de S. Tiago e de S. Bento de Aviz, as medalhas de ouro das classes de valor militar, de bons serviços e de comportamento exemplar, as commendas da Rosa, do Brazil, e de Carlos III, de Hespanha, e a medalha de ouro da expedição a Angola em 1860.

A sua nobilissima modestia vencia todas estas honrarias.

Ainda, como ultima vontade, que lhe foi respeitada, o venerando marinheiro pediu lhe não fossem tributadas honras militares. Porém o seu funeral foi concorridissimo e constituiu uma imponentissima manifestação.

Quando o cadaver do valente portuguez entrava no jazigo, o sr. conde de Paço d'Arcos pronunciou um commovente discurso, falando em nome da marinha portugueza.

Sua ex.<sup>a</sup>, dando o adeus de despedida a Baptista d'Andrade, poz em relevo a superioridade e galhardia com que elle commandava os navios que lhe eram entregues, e a estima que votava a todos os seus camaradas e o affecto que tinha pelos proprios marinheiros, que o consideravam como pae.

O sr. conde de Paço d'Arcos exaltou as grandes qualidades de coração d'esse homem que, nas diferentes situações da sua carreira, quer como chefe da casa militar d'el-rei, quer como par do reino, quer como conselheiro d'Estado, foi sempre affavel com todos, amigo dos seus amigos, sustentando sempre nas suas relações sociaes a sua linha de conducta firme e honrada.

O orador poz finalmente no seu verdadeiro foco a estatura d'esse militar que nas diferentes comissões de serviço sustentou intemeratamente o brio das suas dragonas, deixando pelos seus altos feitos memoria perduravel na nossa historia; e como exemplo, passou em revista as campanhas do Ambriz e do Congo, onde desaffrontou a bandeira portugueza, avassalando os regulos rebeldes e firmando os nossos dominios n'aquellas paragens.

Teve o orador, no final do seu discurso, palavras lisonjeiras para a imprensa portugueza, que n'este momento, mercê da multiplicidade dos jornaes e do cuidado na informação, pôde pôr, o que não foi possivel ha muitos annos atraz, a figura do almirante Baptista d'Andrade no seu plano verdadeiro.

Como o funeral do glorioso marinheiro tinha o character de particular, nenhum dos ministros assistentes usou da palavra.

### INDUSTRIA NACIONAL

#### FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA

Inaugurando esta secção, em que se procura consignar os progressos da industria nacional, tem O OCCIDENTE agradável ensejo de prestar a devida homenagem a um dos mais activos industriaes lisboenses. O nome de Eduardo Costa está estreitamente vinculado á sua bella obra, a fabrica de bolachas da Pampulha. Se este estabelecimento é um verdadeiro modelo no genero, a actividade do arrojado industrial é um edificante exemplo de quanto vale uma iniciativa intelligente e pertinaz.

Cabe a Eduardo Costa a honra de ter fundado em Portugal a primeira fabrica de bolachas e de a manter n'uma constante melhoria de producção. Em poucos annos adquiriu a fabrica da Pampulha uma invejavel nomeada, que se tornou poderoso incentivo para constantes aperfeiçoamentos do fabrico.

Indubitavelmente este labutar incessante do esclarecido industrial constitue o segredo da prosperidade da sua empresa. Quando tantas industrias, conquistando o apreço do publico, se deixam ficar estacionarias, Eduardo Costa não deixa um só momento de apurar os seus productos.

Em cada anno que decorre accrescenta á fabrica da Pampulha novas qualidades á sua lista vastissima de bolachas e biscoitos. E a iniciativa do fabricante não se limita a aprimorar o fabrico, vae mais longe, inventando novas especies e ligando-as a algum assumpto de novidade ou sensação, despertando no publico um lisonjeiro acolhimento.

Excedem a trezentas o numero das diversas qualidades de bolachas e biscoitos que a fabrica da Pampulha tem lançado no mercado, como se pode ver dos mostruarios sempre patentes nos escriptorios ou nos seus depositos em Lisboa, na rua dos Retrozeiros 32 e 34 e no Porto na rua de D. Pedro. 143 e 145.

As recompensas obtidas em todas as exposições a que tem concorrido, recebendo os maiores premios, mostram bem quanto honram a industria portugueza os productos da nossa primeira fabrica no seu genero.

Em Vienna d'Austria alcançaram a medalha de merito da Associação promotora da industria fabril; na exposição de Philadelphia em 1876 tambem foram premiados e igualmente na exposição universal de Paris em 1878. Na exposição agricola de Lisboa, em 1884, obtiveram ambos os productos, bolachas e biscoitos, o maior premio e distincção, e na Exposição Industrial Portugueza de 1888 o diploma de medalha d'ouro.

Ha vinte annos que Eduardo Costa dirige proficientemente a sua fabrica. Installada em edificio proprio, compõe-se de uns poucos de andares, que se erguem do Aterro até á travessa dos Brunos, no alto da Pampulha, d'onde deriva o nome do conhecido estabelecimento industrial. Ahi, tudo está methodicamente disposto. As carroças que trazem a farinha veem ao portão do Aterro, onde



# Industria Nacional



EDUARDO COSTA



ESCRITÓRIO DA FABRICA



AMASSADOR MECÂNICO

hombros e procurando cerzir os farrapos do sonho interrompido. Evocou em espirito a imagem de quanta mulher tinha amado e todas as radiosas fadas da sua mocidade, phalange côr de rosa e sorridente, lista sem fim como a de D. João, vieram egrenar-se no escritorio da memoria.

Uma com sua ruidosa alegria, linda alegria com dentes brancos e covinhas, olhos que eram diamantes negros, ingenuos e ao mesmo tempo trocistas, coração de cotovia bebida de sol.

Outra, majestosa estatuva pensativa, immovel, emmoldurada em rendas e velludo, e abandonando, com indiferença de senhora de alta roda, os hombros marmoreos aos feixes loiros das luzes do baile e a fronte altiva aos olhares curiosos da maledicencia.

Aquella que trabalha ao lado de sua mãe, no lar socegado, á luz do candeeiro de familia, é a menina recolhida, virgem de perfil tranquillo e puro... Ninguem adivinha que todo o corpo lhe estremece ao menor barulho lá de fóra, que as longas palpebras baixadas escondem olhos que a insomnia avermelha, que um remorso afunda, ninguem adivinha que cada ponto da agulha com que cose é cúmplice de pensamentos que a devora de muito secreta angustia.

Mais cem visões, quantas! cem rostos de mulheres radiantes ou desesperadas, passavam ante os olhos de Octavio sem n'elle acordarem mais

que uma lembrança que o lisonjeava, uma sensação egoista de vaidade satisfeita. Nenhuma fibra lhe palpitou, nenhuma saudade lhe ergueu o peito, nenhum d'aquelles nomes tão doces, perolas cahidas no abysmo do passado, lhe fez correr nas arterias mais tepido o sangue.

Só então, e pela primeira vez, conheceu que nunca tinha amado. E' que o verdadeiro amor é como o leão do deserto, tem d'este o orgulho ferino e, como elle, ama a solidão, fugindo dos corações sulcados pelas caravanas doidas das fantasias ephemerias.

— Tenha compaixão, meu bom sr... interrompeu uma voz lastimosa.

Era um cego que, sentado no talude d'um fosso, respirava com delicia os raios do poente. Os cabellos brancos esvoaçavam-lhe na cabeça descoberta e um bem estar todo material illuminava-lhe o rosto de pergaminho que o ar atrigueirára.

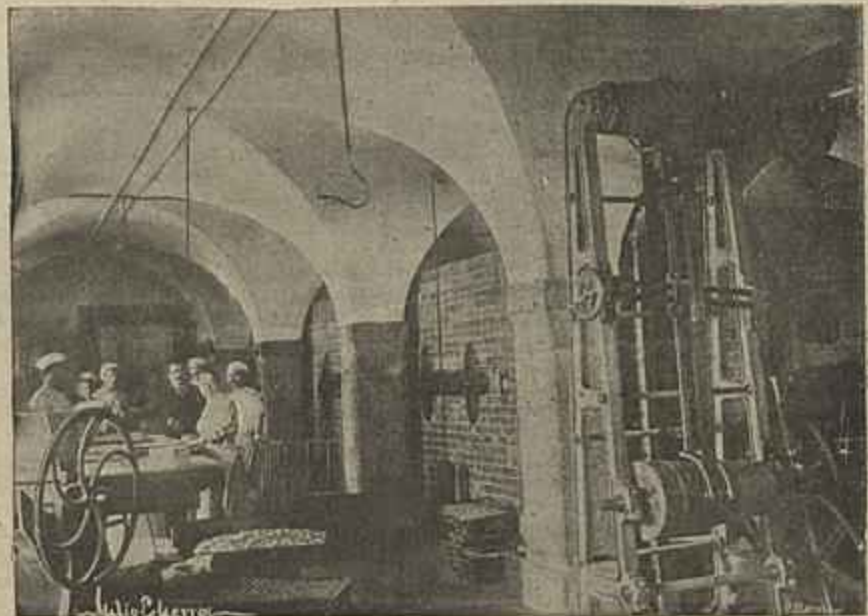
O Conde olhou para elle com curiosidade. Depois, tendo em vão remexido em todas as algibeiras, tirou um diamante que lhe scintillava no dedo e metteu-o na mão do velho.

— Um anel! exclamou pasmado o mendigo.

— E' que, respondeu Octavio, não tenho outra coisa que lhe dê.

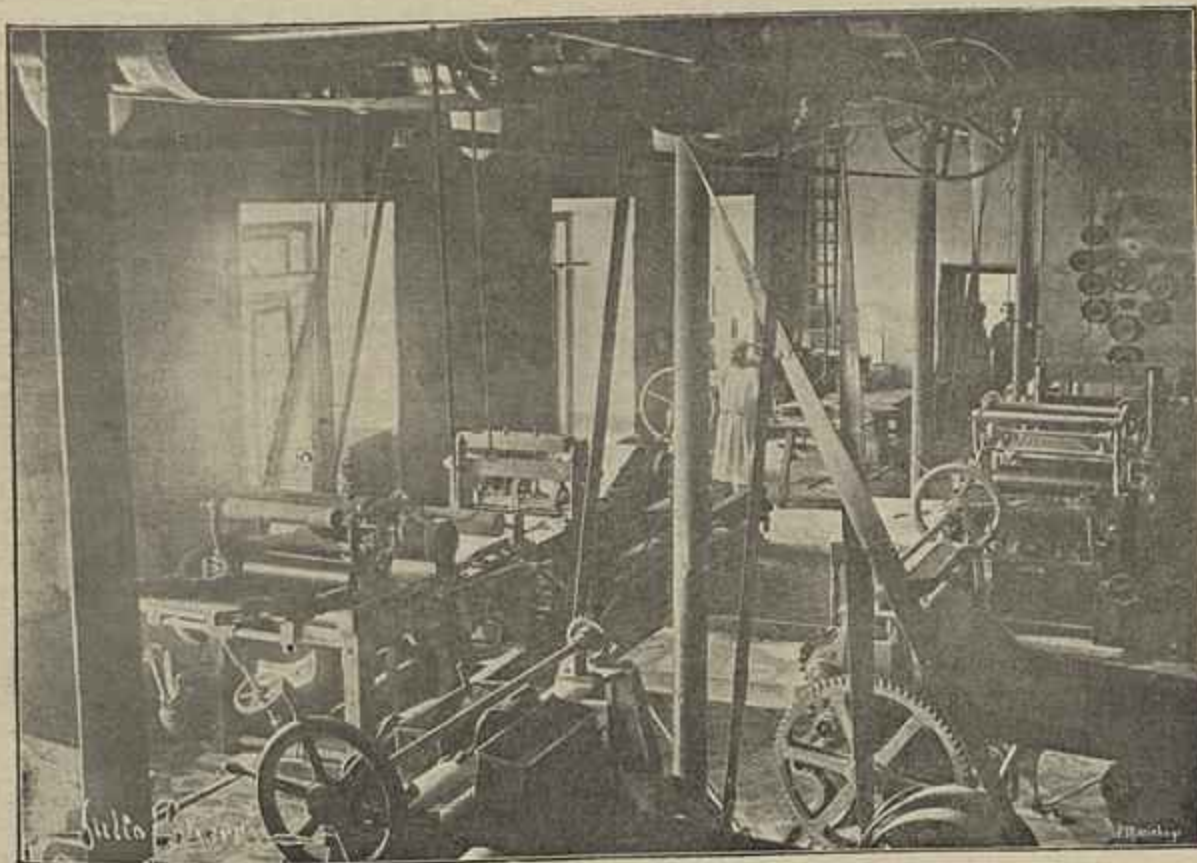
— Pois Deus o abençoe! exclamou o cego. Dê-lhe tanta felicidade e tanta vida como a mim.

— Outro! disse consigo o Conde. Que sestro



OS GRANDES FORNOS PARA COSER BOLACHAS  
FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA, DE EDUARDO COSTA

# Industria Nacional



FREPARAÇÃO DAS MASSAS EM LAMINAS

de bons desejos tem esta gente!... Que idade tem? perguntou.

— Sessenta e sete annos, meu sr.

— Sessenta e sete annos de miseria e de soffrimento! murmurava Octavio. Triste presente para mim pede á Providencia! Acha então que a vida é facil de levar, meu pobre homem?

— Ha momentos que não são maus, respondeu o cego.

Octavio olhou para elle, cheio de espanto.

— Gostou d'alguem quando foi novo? perguntou. Quero dizer, teve-lhe amor?

O velho sorriu-se doce e melancolicamente; a face pallida tomou cor, como um reflexo d'uma felicidade longe.

— Sim, murmurava, distrahidamente fazendo festas ao cão, amei... uma vez, como toda a gente.

O Conde abastou-se pensativo.

— Como toda a gente! repetiu a meia voz. Pois hei de eu ser uma excepção? Terei menos que os outros homens algum sentido? Entretanto parece-me que se novamente a encontrasse... essa...

— Um cobresinho, se faz favor, interrompeu um limpa-chaminés que, havia cinco minutos girava em torno de Octavio.

— Hein! disse o Conde, não estou aqui em segurança, nascem-me pobres debaixo dos pés! Não tenho que te de, deixa-me sosegado.

O limpa-chaminés afastou-se com ar triste e Octavio quasi se arrependeu do seu mão genio.

— E' que ainda tenho isto! pensou. Olhava para um junco com castão d'oiro cinzelado com que caminhando cortava o ar.

— Para que me serve isto na viagem que vou fazer? Olha lá, pequeno! gritou.

A criancita veio logo correndo ouvindo aquella voz já amaciada.

— Toma lá esta bengalla, disse-lhe Octavio.

O pequeno cuidou que estavam a brincar com elle e ergueu para o Conde os olhos medrosos.

— Toma, disse o Conde docemente. Não vês que é d'oiro?

O pequeno com um ar muito tímido pegou na bengala e ficou-se immovel no mesmo logar, olhando para Octavio que se afastava lentamente. Depois, de

repente, gritou-lhe com uma voz fresca e argentina:

— Ha de lhe dar sorte ao casamento.

O Conde poz-se a rir.

— Mais um bom desejo que não tem probabilidade de cumprir-se. O meu casamento!... Lá que eu tenho uma noiva á espera, isso tenho: chama-se a Morte. Mas tem que ter paciencia ainda uns vinte minutos, o tempo de fumar o meu ultimo charuto e de fazer os preparativos de partida.

Accendeu um havano secco e doirado.

— Diabo! disse de repente. Se não me engano, vejo acolá o vulto d'um quarto pobresinho. Vamos tomar outro atalho. Não tenho enfiços, mas este chuveiro de bons desejos a cahirme em cima começa a assustar-me. Tanto mais que d'aqui a pouco estarei tão despido como o Hassan de Musset; ao romance descabellado da minha vida não lhe ponhamos um final indecente.

E o Conde de Soubran, afastando brenhas e moitas, metteu-se para o mais profundo do bosque.

## II

EM QUE O CONDE DE SOUBRAN  
ACHA UM FINAL.

Entretanto o Conde Octavio ia repetindo consigo mesmo as ultimas palavras do limpa-chaminés... Haviam-lhe inspirado uma idéa tão nova que até lhe parecia estranha.

— O meu casamento? Mas porque mais cedo nunca pensei em tal? E' talvez um genero de ventura que me escapou, a mim que tanto me inchava por todos haver conhecido, a mim, a quem todos chamavam homem feliz por excellencia. Quem sabe!... uma casa tranquilla, uma vida de paz e de trabalho, lindas criancinhas rosadas a abraçarem-me, uma linda mulherzinha casta e pura... como ella!... Ora vamos, que teimosa de visião!

Os que muito viveram são como os que lêram muito. Estes ultimos, certa passagem notavel, certa fraze artisticamente burilada, um pensamento profundo e verdadeiro, surge-lhes de repente na memoria, sem que possam dizer a que auctor pertencem, a que livro os foram buscar.

Assim acontece com os homens que viveram com muita gente: chama-lhe um rosto a attenção, commove-os, param, admiram o e mettem-o sem querer em qualquer recantosinho escuro do cerebro; rodam os annos; e vai, um dia, quando menos pensam em tal, o mesmo rosto lhes surge no espirito, nitido, pormenorizado, sem que lhes possam pôr nome ou apreciar a circumstancia em que pela primeira vez o encontraram.



ESCOLHA E ENLATAÇÃO DE BOLACHAS  
FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA, DE EDUARDO COSTA

Era o que estava acontecendo com Octavio. Algures existia, — onde? não soubera dizelo — um doce rosto de mulher que elle sentia ser capaz de apaixonal-o. A's vezes, em raros instantes de sacedade ou de insomnia, uns magnificos cabellos loiros emoldurando um oval de archanjo, olhos de azul sombrio, enormes, franjados de longos cilios negros, n'elle fitados com ternura inexprimivel, sobre elle se haviam inclinado á cabeceira de sua cama.

Não era sonho da fantasia, era uma lembrança real. Essa mulher, tinha-a visto, tinha-lhe falado, sentira passando junto d'ella que uma impressão misteriosa, amor ou presentimento tomava logar no mais profundo da sua alma... Haviam-se separado depois; fôra cada qual levado por sua corrente, e Octavio, em meio da agitação devoradora em que as horas se lhe fundiam e volatilisavam nos ardentes cadinhos de vida parisiense, Octavio esquecera a doce e fugitiva visão, que só

lhe apparecia agora com grandes intervallos e para logo desfazer-se.

E logo havia de ser ali, n'aquelle instante supremo em que deitava contas ao passado, emquanto pasma e se queixa do vacuo de seu coração e lhe remexe as cinzas, logo havia de ser ali que havia de dar com aquella pepita d'ouro esquecida!

Percebe que teria amado aquella mulher. Quem sabe se não a amou? Mas onde, quando foi que a encontrou? Nada lhe diz a lembrança, por muito que puxe por ella. Apenas sabe que a viu em circumstancias fataes; porque á imagem d'ella liga-se no espirito de Octavio uma vaga idéa de soffrimento agudo, de dôr physica.

— Decididamente, disse por fim despeitado, é tempo de pôrmos um ponto a isto! Diabos me levem, volto á meninice! Pois não me vou pôr agora a adorar um anjo, uma mulher desconhecida, como galanzinho, ou a derreter-me com um amor ideal como menina de collegio que quer um marido de bigode e sem frieiras!

Deu uma gargalhada um tanto forçada e poz-se a olhar em volta.

Achava-se em meio d'uma clareira deserta e silenciosa, onde não havia perigo que o fossem incomodar; com um bocadinho de fantasia podia suppôr-se n'uma floresta virgem da America.

Uma brisa tepida brincava com a folhagem nascente e a caia sopra acordava o suave chilrear dos passarinhos palradores, enquanto os ultimos raios do sol, filtrando por entre os ramos, cahiam aqui, acolá, em finos galões de purpura sobre a relva. Umaz nuvemzinhas brancas e cõr de rosa nadavam na profundidade cerulea do céu.

— Que linda tarde! dizia o Conde enchendo os pulmões com a atmospha perfumada. Pois não é tudo isto para mim? Ai, philosophos! patetas que vêdes no suicidio apenas um desarranjo do cerebro, porque não me vindes agora tomar o pulso? Não sou doído decerto nem estou desesperado; estou no goso de todas as minhas faculdades, e, entretanto, experimento verdadeira alegria pensando que vou para sempre adormecer em meio d'estes perfumes e d'esta luz.

Assim falando, ia lançando o olhar em volta, como quem procura alguma coisa.

Depressa se lhe deparou um carvalho enorme, que, meio pendido sobre a clareira, fazia murmurar as folhas docemente.

— Serve-me, disse Octavio aproximando-se.

Como examinasse a arvore com um sorriso satisfeito, notou que na casca havia umas letras abertas com a ponta d um canivete.

E leu:

«3o de maio de 1846.»

— Ora esta! exclamou. 3o de maio de 1846 é hoje! Que quererá dizer esta data? Pois a fada, que eu sempre suppuz dever ser minha madrinha, teria sido tão amavel que me quizesse indicar a arvore a que devem baloiçar-se os meus despojos mortaes?... Nesse caso, desconfiemos, é ramo com certeza que deve partir-se.

Subiu com agilidade e suspendeu-se pelos braços a um tronco que se estendia negro e rugoso sobre a clareira.

O tronco nem sequer dobrou.

— Bom, disse Octavio, saltando para o chão; já vejo que a madrinha não tem nada com isto. Foi obra de namorados, que, vindo aqui esta manhã, quizeram perpetuar a lembrança do encontro. Lyrismos proprios dos dezoito ou vinte annos... Pobres crianças! Se cá voltam amanhã, não vão com certeza escolher este logar para trocar confidencias. E agora... mãos á obra!

Desatou a gravata e deu-lhe um nó de correr. — Lindo momento para perpetrar uma elegia em alexandrinos de rima crusada!... Moribundo que se respeita deve a si mesmo a polidez...

Mas não tenho agora tempo, e vou muito prossaiamente despedir-me da existencia.

Separavam-o ainda uns minutos da hora que havia fixado para sua morte. Encostou se ao carvalho e poz-se á espera. Quem lhe visse a physionomia socegada e o sorriso zombeteiro julgaria olhar para um poeta mandrião, que se embebedava com o sol e se deixa viver com delicia.

— Céos e terra, adeus! pensava Octavio. Coisa nova para offerecer-me já não tendes; deixovos antes que me enerve a sociedade, antes que me sfogue o aborrecimento. Vou-me novo e bello, altivo e alegre! Não verei cahirem-me dentes, cabellos, nem illusões, se ainda algumas tenho; troço da velhice com seus catharros e rheumatismos. Adeus, querido, esplendido Paris, poesia materialisada, ideal vivo! Em troca de teus obsequios, ó Danae moderno, precisavas não uma chuva, mas uma tromba d'ouro... transformei me em diluvio e saturaste-me com teus carinhos... adeus, Paris! A'manhã esmaltarei a terceira pa-

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Dias em que o thermometro accusou temperaturas superiores a 30°

1880-1901

(Continuado do n.º 832)

1880

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1880. Includes entries for June, July, August, and September.

1881

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1881. Includes entries for July, August, and September.

1882

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1882. Includes entries for July, August, and September.

1883

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1883. Includes entries for July, August, and September.

1884

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1884. Includes entries for June, July, August, and September.

1885

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1885. Includes entries for June, August, and September.

1886

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1886. Includes entries for June, July, August, and September.

1887

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1887. Includes entries for June, July, August, and September.

1888

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1888. Includes entries for May, August, and September.

1889

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1889. Includes entries for June, August, and September.

1890

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1890. Includes entries for June, July, August, and September.

1891

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1891. Includes entries for June, July, August, and September.

1892

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1892. Includes entries for May, June, July, August, and September.

1893

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1893. Includes entries for June, July, August, and September.

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1893. Includes entries for July, August, and September.

Table with columns for dates and temperature ranges (Max., Min.) for the year 1893. Includes entries for August, September, and October.

(Continua)

Antonio A. O. Machado.



## Industria Nacional



GRUPO DO PESSOAL DA FABRICA DE COLCHAS DA PAMPULHA DE EDUARDO COSTA

tente e com bastante colla, para que a solução não penetre no interior da sua massa.

### XXIV

Querendo reproduzir pelo photographia, um quadro a oleo, devemos, antes de tudo, lavar o com a solução que adiante indicamos e que tem a vantagem de não prejudicar em cousa alguma as tintas.

Preparem-se partes eguaes de oleo de linhaça e essencia de therebentina, misturando em seguida, as duas substancias.

Por meio de um panno humedecido com este composto, besuntamos, por igual, todo o quadro que pretendemos reproduzir.

D'esta forma, avivamos as côres e o aspecto do quadro.

importancia capital, mas a sua gerencia de ministro das obras publicas em 1890 e dos estrangeiros em 1893 foram discretas e não crearam difficuldades á administração publica.

Não lhes faltava o talento, mas sim a actividade e o esforço. Partidario leal, de bom conselho e senso pouco vulgar, via sempre as questões com clareza, de maneira que a sua palavra tinha toda a auctoridade no parlamento, e quer tivesse que atacar ou defender nunca deixou de ser polido e cortez nos debates, mesmo quando violentos.

Por tudo isto o cercavam sympathias dos amigos e dos adversarios politicos, porque outros não tinha, e ainda a manifestação de sentimento na sessão da camara dos pares em 7 do corrente, são prova de quanto o conselheiro Arouca era estimado.

## NECROLOGIA

### CONSELHEIRO FREDERICO AROUCA

No Grande Hotel do Estoril, para onde lóra convalescer de maior doença, falleceu pelas 7 horas da manhã do dia 6 do corrente, quasi repentinamente o Conselheiro de Estado effectivo e ministro honorario sr. Frederico Gusmão Correia Arouca, que nascera por 1843.

Como se vê, não foi o peso dos annos que o matou, mas uma lesão cardiaca complicada com albuminuria.

Era o conselheiro Arouca um character primoroso, harmonizando perfeitamente com o seu porte elegante. Intelligencia clara, modo insinuante, fino, agradável, era o perfeito homem de sociedade, e se a sua illustração e talento lhe permittiram attingir os mais elevados cargos sociaes, não menos para isso concorreram as suas qualidades de gentleman.

E foi assim que aos 58 annos de idade elle já tinha percorrido toda a escala da carreira politica desde a de simples deputado até á de par do reino, ministro e conselheiro de Estado effectivo, accrescendo ainda a de ministro plenipotenciario portuguez em Londres.

Não será facil na legislação portugueza encontrar leis firmadas pelo seu punho, que tenham



CONSELHEIRO FREDERICO DE GUSMAO  
CORREIA AROUCA

FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

São frisantes estas palavras do illustre presidente do conselho, n'aquella sessão:

«Mais um companheiro nosso, de todos nós estimado e querido, que se affasta de nós; e, pelo que lhe respeita, um amigo bem leal, dedicado e firme.

N'estas refregas da vida, em que todos entramos com os nossos sentimentos, com as nossas aspirações, com os nossos ideaes, com os nossos principios, com as convicções que nos animam, perdeu um amigo, bem estimado e querido.

Nos debates que travamos, por vezes nos accommettemos com paixão, e com exagero; todavia, essas impulsões de momento, essas circumstancias de occasião não impedem que seja com profundissima dôr que nos vejamos partir para a eternidade quem em vida nos acompanhava com o seu conselho, com a sua opinião e com a lealdade do seu proceder.

Nos arrebatamentos das paixões esquecemos de que a vida é um dia, um dia accidentado, cheio de embates, de refregas, um dia no termo do qual encontramos o *Memento quia pulvis es* a lembrar-nos que a morte nos espera; e se esta lembrança não obsta a que o calor nos anime nas discussões e não impede que tratemos de cumprir strictamente os nossos deveres não impede por igual que seja com a mais intensa magoa que vejamos partir para a eterna viagem um amigo, um ente querido, que sempre nos acompanhou com lealdade e affecto.

Frederico Arouca era uma bella intelligencia e um grande character. (Apoiados). Uma bella intelligencia, que lhe permittia entrar brilhantemente nos debates parlamentares com muita cortezia sim, mas com um criterio firme, arguto, com uma apreciação segura, com um bom senso que o fazia sobresahir no exame das questões, ainda que estas fossem das mais arduas e complicadas. A apreciação de Frederico Arouca era sempre bem vinda. (Apoiados).

A camara lembra-se de que ainda não ha muito tempo, a proposito de uma questão economica que se debatia na camara, a opinião de Arouca era escutada com silencio, com apreço, com a estima que se dedica a quem tem uma experiencia feita de estudo e de observação.

A par d'isto, notabilissimo no seu trato, verdadeiramente fidalgo e cortez para com todos, nunca pronunciava uma palavra que podesse susceptibilisar alguém. Pelo contrario, usava constantemente da deferencia, que não exclue divergencia de opiniões, por mais accentuada que seja, deferencia peculiar aos que são verdadeiramente nobres no seu proceder e no seu sentir.

O dr. Frederico Gusmão Correia Arouca doutorando-se na Universidade de Coimbra, veio para Lisboa assentar banca de advogado por 1870. Foi depois delegado para a comarca de Cintra.

Em 1879 é pela primeira vez eleito deputado pelo circulo de Cadaval, em duas legislaturas, sendo em 1887 eleito por Portalegre.

Em 1890 fez parte do ministerio presidido por Serpa Pimentel, como ministro das obras publicas, e em 1893 entrou no ministerio organizado pelo sr. Hintze Ribeiro, para a pasta dos estrangeiros.

Em 1896 era nomeado ministro em Londres, na vaga que deixava o sr. Marquez de Soveral, que viera tomar conta da pasta dos estrangeiros.

Pela queda d'aquelle ministerio, voltou para Lisboa, sendo nomeado pouco depois conselheiro do Tribunal de Contas.

Em 1893 fôra elevado ao pariato, em 1900 nomeado conselheiro de Estado, na vaga que de xou Barjona de Freitas.

Era advogado syndico da camara municipal de Lisboa, e vogal do conselho administrativo da Real Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes.

Tinha grande numero de condecorações nacionaes e estrangeiras e entre estas a gran-cruz de Pio IX.

## CAPAS

Para encadernação do *Occidente*, de todos os annos, a 800 réis; encadernação e capa a 1200 réis.

Empresa do «Occidente», L. do Poço Novo  
LISBOA

## ESTAMPAS PARA QUADROS

Retrato de S. S. Leão XIII, com uma biographia.... 100 réis  
Retrato de Victor Hugo.... 400 "  
Retrato de Mousinho d'Albuquerque.... 200 "  
Marinha de Guerra Portugueza..... 200 "

Empresa do OCCIDENTE  
Largo do Poço Novo — Lisboa

## GRAVURAS E CLICHÉS

Ha em deposito mais de 3.000 gravuras de vistas, retratos, quadros, monumentos, etc., de que se aluga e se vende clichés, na

Empresa do OCCIDENTE  
Largo do Poço Novo — Lisboa

## AVISO

Participamos aos nossos estimaveis assignantes de que vamos proceder á cobrança das assignaturas do corrente anno, pedindo a todos a fineza de mandarem satisfazer as suas importancias logo que das Estações postaes recebam os respectivos avisos.

Agradece

A administração.